

Caio Tozzi

VIVA O PALCO!

Histórias juvenis
para ler e encenar

[Roteiro para conversas]

Que tal um papo?

Eu sempre penso que, entre as tantas contribuições que a arte pode dar a nossas vidas, a abertura para dialogar é uma das principais. Verdade seja dita que falar sobre experiências, sentimentos, medos e emoções não é fácil em nenhum momento da vida, mas na adolescência, quando ainda estamos entendendo muita coisa, passando por uma revolução interna, as dificuldades são maiores. Deixar as palavras que nos revelam sair da nossa boca é um desafio árduo, e, tenha certeza, pode ser incrível.

Quando conversamos sobre assuntos que nos fazem pensar, nos afligem ou aquecem nosso coração, nos sentimos pertencentes. Ao falar, o outro na sua frente pode dividir os mesmos sentimentos ou ideias que você e aí, veja só, vocês não estão mais sozinhos. E se o outro não te entender — o que pode acontecer, é claro —, estará aberto um espaço para construir um diálogo sobre esses pensamentos e pontos de vista diferentes e escutá-los, conhecê-los e refletir sobre eles é sábio e nos faz crescer.

Ao iniciar a criação de **Viva o Palco! — Histórias juvenis para ler e encenar**, fiquei pensando um bom tempo em qual seria o tom das histórias presentes no projeto. A premissa principal era que fossem histórias para o público jovem, mas os jovens, como todo mundo sabe, gostam de vários gêneros. Sendo assim, eu poderia explorar uma história de mistério, ou algo ligado à fantasia, ou talvez uma distopia, quem sabe?

No fim das contas, decidi contar histórias do dia a dia, com adolescentes reais imersos em seus conflitos cotidianos, o que me pareceu mais simples (não que seja) e, também, mais saboroso. Imaginei que personagens como Rubi, Thales e Juba, os protagonistas das peças, poderiam rapidamente ser reconhecidos pelos leitores/atores e gerar identificação neles.

Ao escrever essas peças, diversos temas e assuntos importantes da adolescência foram surgindo. Fiquei realmente feliz porque senti que as duas peças poderiam abrir caminhos e estimular debates importantes ao longo do processo de leitura e de montagem dos espetáculos. Com isso em mente, elaborei uma série de questões para que você e seus colegas reflitam se o acontece nas histórias dos personagens é parecido com o que acontece na vida de vocês, os adolescentes da vida real.

Espero, de verdade, que os personagens do livro **Viva o Palco! — Histórias juvenis para ler e encenar** conversem por dias e dias com você e que, em suas histórias, as questões que eles levantarem possam te transformar.

Bons papos!

Um abraço do Caio.

Eu começo!

Bom, vocês perceberam que eu gosto de conversar, né? Então, vou abrir o diálogo aqui neste material contando um pouco de como foi o processo de criação das peças “Rubi em cena” e “O mural”.

Como já contei, o ponto de partida para a criação desses textos foi a ideia de produzir histórias do cotidiano, nas quais os leitores reconheceriam os personagens como amigos próximos e compartilhariam questões íntimas. Com isso na cabeça, pensei em quais temas gostaria de trabalhar e, no fim, me decidi por dois que permeiam bastante minha literatura.

O primeiro tema foi o poder e a importância da arte em nossas vidas. Quis fazer uma grande metáfora com a proposta do projeto — estimular os jovens a subir no palco e entender a potência dessa experiência. Então, pensei: por que não escrever uma peça que trate exatamente disso? Uma personagem que, ao descobrir o teatro, revolucionaria sua vida. Assim, criei Rubi, uma menina tímida que gosta de ficar em casa, reclusa, mas que certo dia é “intimada” pela mãe a participar de um curso de teatro. Resistente, Rubi tenta fugir de tudo aquilo, mas esse é seu destino (até uma cartomante falou isso para ela). Rubi precisava aprender que entrar em cena não significava apenas subir no palco, mas também ter coragem de ser quem se é.

Na segunda peça, o que me norteou foi falar sobre garotos, seus sentimentos e medos. Puxa, essas são questões que me tocam bastante! Numa sociedade ainda muito machista e que prega a coragem e o poder somente para os homens (Já ouviu dizer que “homem não chora”? Pois é...), quis pôr em debate as aflições, as fragilidades e os acertos e erros de dois adolescentes. Assim nasceram os irmãos Thales e Juba, que se amam profundamente, mas, como em toda relação entre irmãos, vivem brigando. A imagem do mural, que dá nome ao texto, veio de uma entrevista que eu fiz para o meu *podcast* #MOCHILA, em que a entrevistada comentou sobre a importância de um mural na sua juventude. Achei simbólico, além de ser uma analogia às redes sociais: naquela intimidade dos dois meninos, como eles lidariam com a exposição de suas experiências? Como se relacionariam com elas?

No fim das contas, ao terminar de escrever as duas dramaturgias, percebi que, de certo modo, elas tinham uma certa ligação. São tramas que falam sobre os desafios dos jovens de encontrar seu lugar no mundo e de construir suas identidades, assumindo quem são por completo. Achei isso bonito e interessante.

No próximo tópico deste material, elaborei uma série de questões sobre as histórias para que você possa conversar, refletir, se emocionar e, por que não, se divertir com os colegas.

Para refletir com as histórias

A seguir, você vai encontrar uma série de perguntas, provocações e estímulos para realizar conversas e atividades inspiradas em cada história presente no livro **Viva o Palco! — Histórias juvenis para ler e encenar**.

Rubi em cena

- Uma das grandes questões que aflige Rubi no início da peça é que ela se sente dividida em duas: quem ela realmente é e quem os outros gostariam que ela fosse. Ela ainda diz que, no fim das contas, gostaria de ser uma terceira pessoa, uma mistura de todas. **E você? Como se sente? Quais são os desafios de ser você? O que você gostaria de mudar em você ou na sua vida?**
- Rubi tem medo de se expor e essa é uma grande questão para ela. Até porque as pessoas falam muito que ela é um tanto diferente, esquisita, ou seja, ela sente na pele o temido *bullying*. O mesmo acontece com outro personagem, o Enturmado. **Como você lida com essa questão de ter que se adequar a alguma situação para ser aceito? Você já se sentiu assim? Alguém que você conhece já sentiu esse tipo de pressão e acabou fazendo algo que não queria?**
- Salete, a mãe de Rubi, vive dizendo que sabe muito bem o que é bom para a filha e, por isso, a inscreveu no curso de teatro. No fim, Rubi dá o braço a torcer e aceita que a decisão da mãe foi importante para ela. **Como é a sua relação com seus pais? Eles costumam interferir na sua vida? De que maneira? Você conversa com eles? Você sente que eles te escutam?**
- Rubi, no fundo, se sente solitária. Um dia, ela conhece Enturmado e vê que eles são bem parecidos, diria até que “da mesma turma”. Foi importante para Rubi saber qual era a visão que Enturmado tinha dela. Isso lhe deu confiança e ela pôde conhecer a si mesma e descobrir suas potências. Como Enturmado mesmo disse, juntos, Rubi e ele acabaram criando seus lugares no mundo. **Você já conheceu alguém fundamental na sua vida, que olhou para você e disse: “Tá tudo bem ser do seu jeito e isso é fantástico”?**
- Mesmo com certa resistência, a descoberta do teatro acaba se tornando transformadora para Rubi. A arte —, a literatura, o cinema, a música —, de modo geral, permite que descubramos quem nós somos. **A arte também já ajudou você em algum momento da vida? Como? Já teve algum personagem ou história que lhe ajudou a se reconhecer, a se encontrar, a se sentir bem?**

O mural

- O ponto de partida desta história é um mural que os dois irmãos, Juba e Thales, ganham da avó. Ela divide o mural em dois e dá aos netos a tarefa de colocar, cada um em seu lado, as experiências que considerarem inesquecíveis. **Se você ganhasse um mural, quais seriam as coisas que colocaria nele? Por quê?**
- Thales e Juba são irmãos que se amam, mas vivem às turras. Mesmo assim, a história mostra que suas diferentes personalidades se complementam e, dessa maneira, eles conseguem se ajudar. **Como você lida com pessoas que são muito diferentes de você? (Pode ser irmão, amigo...) Você se compara com os outros ou quer descobrir o que pode aprender com alguém?**
- O grande drama de Thales é ter perdido uma corrida importante e não ter conseguido lidar com esse fracasso. **Como você lida com o fracasso? Já passou por isso alguma vez? Você é exigente consigo mesmo?**
- Thales ama Manu, que ficou com Juba, mas não sabe que Thales gosta dela. Essas confusões são típicas das primeiras experiências amorosas na adolescência. **Você já se envolveu em uma confusão como essa? Já gostou de quem não gosta de você? Tem dificuldade de declarar seu amor por alguém? Ou já se declarou para alguém? Em caso positivo, como foi?**
- Thales teve dificuldade de lidar com o fracasso no passado e Juba se culpa por ter ficado com Manu, pois sabia que o irmão gostava dela. Os meninos, em geral, quase não têm o hábito de conversar sobre seus sentimentos ou de dividir seus medos e suas questões mais íntimas. **Por que será que isso acontece? Como seria possível mudar esse cenário e estimular os garotos a conversar mais sobre o que sentem?**